

MATERNIDADE E AFRODESCENDÊNCIA EM *ÚRSULA* E *A ESCRAVA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Danielle de Luna e Silva

Professora de Letras-UFPB, Campus IV

Maria Firmina dos Reis, maranhense nascida em 11 de Outubro de 1825, bastarda e mulata, pode ser considerada, segundo Eduardo de Assis Duarte, como a precursora do romance afro-brasileiro. Seu romance, *Úrsula*, não somente é o primeiro romance abolicionista brasileiro, mas também o primeiro a tematizar “o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro em nosso país.” (DUARTE, 2009, p.277)

Úrsula foi publicado em 1859, e fortemente influenciado pela literatura gótica, narra os sofrimentos da jovem protagonista, que logo após ter encontrado o grande amor da sua vida, o jovem Tancredo, passa a ser perseguida pelo comendador Fernando. O infeliz triângulo amoroso leva os três personagens a morte. Apesar de não oferecer uma grande profundidade na concepção dos personagens, ou da trama, a inovação da obra é o tratamento dado ao tema da escravidão, como aponta Eduardo de Assis Duarte. Os escravos Túlio e Mãe Susana não só são desempenham papéis determinantes, mas têm voz e um passado, sobre o qual discorrem. Há um capítulo inteiro para que Mãe Susana relembre sua vida livre em África. É um capítulo curto, mas que serve de pretexto para que a narradora discuta questões como liberdade, cativeiro, civilização e barbárie, diáspora negra, matrimônio e maternidade.

A Escrava é um conto escrito também por Maria Firmino dos Reis, publicado em 1887, em meio a uma intensa campanha abolicionista. A escrava a que o título faz referência é uma escrava já idosa, muito maltratada e que apesar de ser considerada louca, ainda é explorada por seu dono. A loucura/revolta da personagem tem origem na separação entre a mãe e os dois filhos gêmeos, quando eles tinham apenas oito anos de idade. A subtração da vivência plena desse amor maternal, a violência e o horror da separação entre mães e filhos é o tema deste conto, tema que se repete em outras obras literárias escritas por mulheres negras.

Nosso objetivo nesse artigo é refletir sobre a representação da maternidade presente nas duas obras e apontar algumas diferenças entre a representação da maternidade “branca” e negra em ambos os textos.

Ao debruçarmo-nos sobre a literatura brasileira, percebemos que houve, durante muito tempo, um silenciamento a respeito da maternidade negra, especialmente em textos que não têm a autoria feminina. As negras, morenas e mulatas não se tornavam mães, tendo seus corpos usados e representados apenas para o trabalho e a exploração. Eduardo de Assis Duarte afirma que

Chama a atenção, em especial, o fato dessa representação, tão centrada no corpo de pele escura esculpido em cada detalhe para o prazer carnal, deixar visível em muitas de suas edições um sutil aleijão biológico: a infertilidade que, de modo sub-reptício, implica em abalar a própria ideia de afrodescendência. (2009, p.6,7)

Já Conceição Evaristo, em um ensaio sobre o trajeto percorrido pelas escritoras negras brasileiras, além de questionar a utilidade do silenciamento da vivência da maternidade negra, aponta para o surgimento de várias escritoras negras em cujas obras o “corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve.” (EVARISTO, 2005, p.54)

É nesse contexto de silenciamento, esterilidade e/ou estereotipamento da representação da maternidade que surgem/se insurgem escritoras negras no Brasil que não se furtam a tematizar a experiência da maternidade negra e suas especificidades.

Dessa forma, escritoras negras, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, tem escrito sobre a maternidade, usando-a como pano de fundo ou elemento central, talvez como forma de se apropriar de seu corpo, história e identidade. Miriam Alves (2010, p.71), ao discorrer sobre essa necessidade de reapropriação e ressignificação do corpo da mulher negra, afirma que “Antes de tudo, é um corpo vitimado que necessita de desvencilhar das marcas de sexualização, racialização e punição nele inscritas para redefini-lo numa ação de afirmação e autoafirmação de identidade.”.

Tendo em vista que maternidade será o tema central desta análise, partiremos para um breve retrospecto das modificações que a vivência da maternidade sofreu. Interessa-nos, nesse curto relato, apontar algumas distinções significativas entre a experiência da maternidade das mulheres brancas e negras e fazer algumas considerações iniciais sobre o impacto dessas diferenças na representação da maternidade nas obras literárias produzidas por estas mulheres.

A relação entre mães e filhos passou por várias transformações através dos tempos, da mesma forma, a concepção do feminino. Percorremos um longo caminho: de uma visão centrada na corporeidade e sexualidade (pecaminosa) à santidade e abnegação da figura materna. Durante a Idade Média, a grande influência do pensamento cristão atribuía à mulher a culpa pelo pecado original. Ela era, portanto, algo que devia ser temido, a própria encarnação do mal. Por outro lado, com o surgimento do amor romântico, ressaltou-se o culto a figura da virgem Maria, a mulher passa a ser idealizada e torna-se sinônimo de pureza.

A ideia de pureza e de vocação para a maternidade passa a ser defendida de maneira férrea como aparato para uma mudança ainda maior. Com a chegada da Revolução Industrial, e a saída da mulher do sistema de produção (antes da chegada das fábricas, a mesma ocorria nas casas das famílias e todos os membros do núcleo familiar estavam envolvidos nesse processo), a mulher passa a representar exclusivamente o papel de mãe. Constrói-se, sutilmente, toda uma ideologia da importância da presença da mulher na educação de seus filhos. Os cuidados aos menores, antes relegados a uma ama, ou aos irmãos mais velhos, passam a ser de responsabilidade da mãe. A esse respeito, Cristina Stevens, em seu artigo Por uma poética do nascimento, escreve: “(...) muitos outros se dedicaram a essa ‘Cruzada’ para a construção da imagem da esposa/mãe virtuosa, numa articulação do reforço do culto mariano introduzido pelo cristianismo”. Dentre eles, ela cita os nomes de Hegel, Kant, Schopenhauer e Emerson. Nesse contexto, as ideias iluministas reforçam o papel de educadora da mulher, ao mesmo tempo em que culpabilizam e intimidam aquelas que, por ventura, recusam-se a amamentar ou até mesmo a ter filhos.

Da maneira semelhante, em 1852, Martin Delany, considerado como o pai do nacionalismo negro na América, afirma que:

Nossas mulheres devem ser qualificadas porque serão as mães de nossos filhos. Como mães, são as primeiras amas e instrutoras das crianças; é delas que as crianças, conseqüentemente, obtêm suas primeiras impressões, que por serem sempre as mais duradouras, devem ser as mais corretas.(p.77) ¹

¹apud GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34,2001.p.77

Portanto, a ideologia que atribuía à mulher uma função reprodutiva e educadora, também estava fortemente presente no discurso abolicionista. É natural, dessa forma, que a maternidade fosse usada como argumento contra a instituição da escravidão, já que desviava a mulher de sua verdadeira função.

No entanto, na prática, as ideias iluministas pareciam servir apenas aos senhores, não aos seus escravos. Das mulheres brancas, esposas e filhas de donos de fazenda, esperava-se que casassem, constituíssem família e fossem boas mães, esposas e filhas. Eram criadas preparando-se para a maternidade e acreditando ser este o seu destino. Por outro lado, das escravas esperava-se que engravidassem o maior número de vezes possíveis, sem se importar se os filhos eram do mesmo pai, ou não. Após a gravidez, mães e filhos eram geralmente separados. A maternidade negra, nesse contexto, é vivenciada de maneira completamente oposta à visão iluminista. É uma maternidade vivida na distância e no abandono.

Tendo em vista que se desenvolveu sobre outras bases, tendo sido marcada principalmente pela discriminação, exploração dos corpos maternos e pela segregação familiar decorrente da diáspora africana, a experiência da maternidade negra se diferencia da vivenciada por outros grupos étnicos. Imaginamos que as peculiaridades dessa vivência estão igualmente presentes na maneira com que escritoras negras, abordam o tema em obras literárias, como pretendemos demonstrar a seguir.

Em **Úrsula**, as mulheres brancas descritas se encaixam em apenas duas categorias: anjos ou demônios. Tancredo, nosso herói, descreve sua mãe afirmando que “ (...) meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio e resignava-se com sublime brandura.”(REIS, 2009,p.60)

Também afirma que “Meu pai era para com ela um homem desapiedado e orgulhoso - minha mãe era uma santa e humilde mulher.” (REIS, 2009, p.60)

A expressão santa, igualmente se repete nas páginas 60, 64 e 67, entre outras. A função da esposa é descrita de forma clara, a de educar os seus filhos.

“A esposa, que tomamos, é a companheira eterna de nossos dias. Com ela repartimos as nossas dores, ou os prazeres que nos afagam a vida. Se ela é virtuosa, nossos filhos crescem

abençoados pelo céu; porque é ela que lhes dá a primeira educação, as primeiras ideias de moral; é ela enfim quem lhes forma o coração, e os mete na carreira da vida com um passo, que a virtude marca. Mas, se pelo contrário, sua educação abandonada toma-a uma mulher sem alma, inconsequente, leviana, estúpida, ou impertinente, então do paraíso das nossas sonhadas venturas despenhamo-nos num abismo de eterno desgosto.” (REIS, 2009, p.73,74)

As citações anteriores ilustram como os conceitos de femininidade², santidade e maternidade estavam interligados. Ser uma mulher virtuosa significava educar a prole de forma apropriada. A heroína do romance, Úrsula, é descrita como um ser etéreo, angelical, puro, estando de acordo com o que a ideologia vigente determinava para as mulheres (brancas, já que as mulheres negras pareciam ser julgadas por outros padrões).

Em oposição à natureza angelical de Úrsula, contrapõe-se a figura de Adelaide, o primeiro amor de Tancredo, a quem abandonou para desposar o pai do seu pretendente. Adelaide é descrita como uma mulher belíssima e sedutora, mas depois que sua traição é descoberta, Tancredo profere as seguintes palavras a seu respeito:

“Monstro, demônio, mulher fementida, restitui-me minha pobre mãe, essa que também foi tua mãe, que agasalhou no seio a áspide que havia de mordê-la! Oh! dívida é esta que jamais poderás pagar; mas a Deus, ao inferno, pagarás sem dúvida. Foi essa a gratidão com que lhe compensaste os desvelos que te cercou na infância, a generosidade com que te amou?!!” (REIS, 2009, p.89)

Por outro lado, a única personagem feminina negra da narrativa, Mãe Susana, faz o contraponto a essa visão “iluminista” da maternidade e da femininidade. Não sendo atribuídas a ela características que a pudessem enquadrar nas categorias anjo ou demônio. As oposições que podemos relacionar a Mãe Susana estão relacionadas a

² As pesquisadoras Deborah White e Hazel Carby discutem em suas obras o conceito de femininidade nos Estados Unidos durante a escravidão, conceito que, no nosso ponto de vista, também pode ser aplicado à realidade colonial brasileira.

conceitos como liberdade / prisão, passado/ presente, África/Brasil.

Quando ela rememora a vida livre que experimentou em África, se reporta ao marido, a quem amou, e a filha de quem foi separada. “Liberdade! Liberdade...ah eu a gozei na minha mocidade!” (REIS,2009,p.115) exclama a personagem. Porém, ser escravizada não implicou apenas na perda da liberdade, mas também na separação da própria filha. Assim como Mãe Susana, milhares de mães, filhos e filhas foram separados pela diáspora negra. Nem atravessar o Atlântico em família era garantia de que todos permaneceriam unidos. Escravos eram vendidos separadamente e mesmo os filhos que nasciam no cativeiro não tinham garantia alguma de permanecer com a mãe. “A dor, que tenho no coração, só a morte poderá apagar! – meu marido, minha filha, minha terra.... minha liberdade”(REIS,2009,p.119)

Maria Firmino dos Reis inova ao dar voz a essa personagem, que rememora o horror da escravidão e o impacto dela sobre as famílias negras em África e no Brasil. Apesar de se vincular a um gênero “importado”, o gótico³, o faz subvertendo o esperado para um folhetim romântico: apresentando-nos as memórias de Mãe Susana, que fala em nome de tantas escravas arrancadas do seio da liberdade.

No conto **A Escrava**, a temática da separação entre escravas e seus filhos é retomada de forma pungente, já que a escrava a que faz referência o título é considerada louca. A loucura tem origem na separação forçada entre ela e seus dois filhos gêmeos.

“Eu tinha o coração oprimido pressentia uma nova desgraça. A hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvi ao longo rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamente meu coração; lembrei-me do traficante...Corri para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos.

Não sei quanto tempo durou este estado de torpor; acordei aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia,

³ Winter, em seu livro sobre o romance gótico feminino, chama atenção para as diferenças entre os romances góticos masculinos e femininos, e para o uso do gênero gótico pelas narrativas de escravos nos Estados Unidos.

chamando-me: mamãe! mamãe!

Ah! Minha senhora! Abriu os olhos. Que espetáculo! Tinham metido adentro a porta da minha pobre casinha, e nela penetrado meu senhor, o feitor, e o infame traficante.

Ele, e o feitor arrastavam sem coração, os filhos que se abraçavam a sua mãe.”(REIS, 2009, p.256-257)

Essa impossibilidade de maternar, ou ainda a interrupção forçada da maternagem ou maternidade têm consequências devastadoras na psique da personagem. Apesar de ser acolhida por uma senhora branca, de posses, engajada na causa abolicionista, não há acolhimento ou consolo que possa ser oferecido a personagem. Não há reparação nem consolo para a velha escrava, seu último descanso é o da morte, que ocorre nas últimas linhas do conto.

Maria Firmino dos Reis nos oferece um retrato corajoso da vivência e da interrupção da maternidade negra durante o período da escravidão no Brasil. Aponta para temas como amor, abandono, violência, separação, que estavam inexoravelmente associados à experiência da maternidade negra, temas que a diferenciam da experiência de maternidade vividas por mulheres de outras classes e etnias. Pela primeira vez na literatura brasileira essas diferenças são apontadas e representadas por uma autora afrodescendente, que chama atenção não apenas para o aspecto étnico/racial da escravização, mas principalmente para as questões de gênero relacionadas à colonização e diáspora negra no Brasil.

Referências

- ALVES, Miriam. **BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- CARBY, Hazel V. **Reconstructing womanhood**. New York: Oxford, 1989.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários .v.17, p.6-18. dez. 2009 .
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, ano1- n 1, p.52 -57. 2005.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34, 2001.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula; A Escrava**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUCMinas, 2009.

STEVENS, Cristina. Por uma poética do nascimento. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. **Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p.401-416.

_____. Maternidade e feminismo: diálogos na literatura contemporânea. In: STEVENS, Cristina (org.) **Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p.15-80.

WHITE, Deborah Gray. **Ar'n't I a woman?: female slaves in the plantation south**. New York: Norton, 1999.

WINTER, Kari J. **Subjects of slavery, agents of change: women and power in gothic novels and slave narratives 1700-1865**. Athens: The University of Georgia, 1992.